

LEITE

Bruno Teixeira Dalaqua

MILENA CHEGAVA EM CASA, como sempre, nesse final de tarde, quando o sol cega quem se atreve a olhá-lo. Vinha do trabalho, chegava cansada mas sempre com boa-disposição para os afazeres domésticos. Sentia-se feliz, amava o que fazia: os números. Amava fazer contas, quase nunca errava, quando acontecia tal fato ela corava instantaneamente, como se disfarçasse sua humanidade.

Estava aqui mas pensava no depois. Vejam, Milena sempre fora muito bem organizada, desde pequena, sempre soubera a ordem das coisas: Nascer, Crescer, Estudar, Se Formar, Trabalhar, Casar, Ter Filhos, Morrer. Nascer, Crescer, Estudar, Se Formar, Trabalhar, Casar, Ter Filhos, Morrer...Morrer.

Amava essa harmonia, essa previsibilidade, saber o início e o fim de tudo. Enquanto lavava as mãos pensava mas contas que tinha de fazer, sempre que chegava em um resultado sentia deus dando lhe um beijo em sua bochecha, pois descobrira sua perfeição. A resposta é: 1. A resposta é: 103. E sentia uma calma em sua alma, como se a perfeição fosse concedida à ela por apenas alguns segundos.

Chegava com fome, como sempre. Decidiu arrumar a mesa em sua belamente decorada cozinha. As paredes eram brancas com azulejos azuis. O chão do mais gélido mármore ostentava a vida que ela sempre procurou: paz. Ela colocou a toalha sobre a mesa, pegou o leite, que como sempre estava muito gelado e colocou-o

no micro-ondas. Enquanto isso pensava em seu trabalho, em como seu chefe, logo iria promovê-la. Pensava em Daniel, e que logo seria pedida em casamento. Ela ouvira-o conversando com sua mãe sobre querer tê-la como noiva, enquanto saía discretamente do banho. Estava ansiosa para a sua vida. Quando esses momentos chegavam, era quando ela era perfeita, sim perfeita!

O micro-ondas apia. Milena abre a porta e sente o quão tépido está o leite, decide coloca-lo de volta mas o copo escorrega de sua mão... ela derrama o leite...

...Eu derramei o leite...

Oh!...por quê? por quê? Eu fiz tudo como devia, não mudei nada, fiz o mesmo de sempre... e o leite caí. Esse mal súbito, desconforto da alma, que me-agora- assola é como se faltasse um pedaço de mim, mas não um braço ou um fígado mas algo intrínseco, inatingível. Como pode escorregar de minhas mãos? Minhas mãos que tanto já resolveram... Que a tantas respostas já chegaram, que tantas vezes já sentiram a perfeição, que inúmeras vezes ja entenderam deus, o universo, a ordem. O leite é a ordem, era... Oh! não há mais... Não há mais ordem! Eu a aniquilei, quando derramei o leite, e também não há mais deus: Eu o matei. Eu ando por aí, ensanguentada, com a marca de meu pecado: a perdição. Sou uma alma perdida, não, nem alma sou mais... sou apenas... perdida! Como viverei sabendo que tudo que amava foi, por mim, aniquilado. Tudo por causa do leite. Leite, leite, leite... por que fizestes isso comigo? Não há lógica para tal acontecimento, não há resposta, não pode ser 2, 3, 4..... apenas não há. Não há mais deus, pois eu o matei, e não só em mim, em tudo. deus morreu em tudo.

Olho para a poça de leite derramada, que inunda os cacos de vidro, para mim.... é sangue. Sangue de minha prévia vida, fui pega no meio do caminho: Nascer, Crescer, Estudar, Se Formar... estava quase lá, antes do leite.

E agora o que eu faço? Como serei feliz sabendo que nunca mais atingirei a perfeição. Que a ordem como a conhecia acabou-se, que não há mais lógica em minha vida. Minha família? Nojo! Criaram-me para este mundo que não existe mais. Meus estudos? Asco! A lógica morreu, não há como procurá-la pois não há! Meu trabalho? Repúdio! Era a escada para uma vida que eu assassinei, há apenas alguns instantes, e que se mostr desmantelada na frente de meus olhos, como sou dramática... rio, rio de minha condição. É ensurdecedor. Daniel? Dê-me Ânsia! Seus beijos, seus toques, seus sussuros, seu corpo, tudo me enjoa, seu amor, sua devoção, sua paciência, quase vomito... o fato de que muitas vezes quase carreguei seu filho- e tive prazer e amor com ele- fazem com que um líquido ácido suba por minha garganta, querendo sair, querendo escapar..... trazer uma criança, uma criança que eu amaria- o líquido desce queimando- um novo ser para este mundo! Um mundo sem lógica, sem pé nem cabeça, em que leites caem e em que almas são despedaçadas.

Sento-me no chão, pois não sei o que vou fazer, e estou tonta... estou tonta. O que eu faço? Tento gritar mas as palavras não saem, só olho para o leite derramado e quero chorar! E choro, choro não por ele, mas por tudo que perdi: minha vida!

Toco no leite. Pela primeira vez não incomodo-me com sua gelidez. Até gosto, eu acho, é um alento... faz minhas lágrimas pararem. Mas por quê? Nunca gostei, sempre foi quente, é assim que gosto, mas será que posso gostar dele gelado? Acho que sim! Não é tão ruim gelado... levo um dos dedos à minha boca e sinto: é bom! É bom! Rio com isso! Jamais levaria meu dedo à boca em tal situação... tão sujo.... tão molhado..... tão nojento... e tão humano e.... sem lógica. Não há lógica nisso tudo mas.... eu gosto! Eu gosto! Penso em cada palavra como se fosse uma nova descoberta. Como não há ordem, posso pensar em qualquer coisa... sol! O sol se põe..... quando foi a última vez que

admirei o pôr-do-sol... talvez nunca... como, como pude nunca ter feito isso? É tão lindo! Agora vejo! Não há deus mas há esse belo pôr-do-sol, acho que quero ser um pôr-do-sol, um não mas vários, quero pintar todo o céu com minhas cores... é tudo tão lindo, as árvores e os bem-te-vis em suas copas.... queria poder voar como um bem-te-vi... e quem disse que não posso? Não há lógica, posso sentir-me mais bem-te-vi do que pessoa.

Acho que o leite cair não foi tão ruim! Eu não veria esse pôr-do-sol.... que por algum motivo preenche minha alma, eu sou um pôr-do-sol! Sinto paz.... mas como? Se há tanto caos e não há lógica.... mas talvez não precise ter lógica, não é preciso ter, é preciso ser.... Acho que o que fazia-me livre, na mais pura das verdades prendia-me. Mas sou livre agora! Não há ordem! Não há lógica! Não há deus! Sou livre para ser e escolher! Sou viva, e nada pode tirar isso de mim, nem um copo de leite!

Pego um pano, uma vassoura e uma pá. Varro os cacos, limpo chão, e vou para a janela da cozinha. Abro-a e vejo: é noite! Que bela noite, sinto a brisa bagunçando meus cabelos..... é, sou!